

## O VALOR DA DIVERSIDADE

### UMA INTRODUÇÃO ÀS ASSOCIAÇÕES PROFISSIONAIS NO MUNDO

#### THE VALUE OF DIVERSITY

#### AN INTRODUCTION APPROACH TO THE PROFESSIONAL ASSOCIATIONS IN THE WORLD

**DIDIER GRANGE** | Mestre em Literatura, História e Arqueologia clássica pela Universidade de Genebra. Arquivista da cidade de Genebra, assessor especial do Conselho Internacional de Arquivos (CIA) e presidente do comitê diretivo do Portail International Archivistique Francophone (PIAF).

#### RESUMO

O artigo busca refletir sobre as associações de profissionais da área de arquivos. Destaca a diversidade reinante no mundo associativo, a carência de estudos aprofundados sobre o fenômeno associativo e propõe a realização de pesquisas que permitam conhecer a quantidade e diversidade de associações profissionais da área de arquivos existentes no mundo.

*Palavras-chave: arquivo; associações profissionais; associativismo.*

#### ABSTRACT

The article aims to reflect on the associations of professionals from the area of archives. It highlights the diversity that pervades the world of associations, the lack of detailed studies on the associative phenomenon, and proposes the undertaking of research that provides knowledge about the quantity and diversity of existing professional associations around the globe within the area of archives.

*Keywords: archives; professional associations; associationism.*

#### RESUMEN

El artículo busca reflexionar sobre las asociaciones de profesionales de archivos. Destaca la diversidad existente, la falta de estudios detallados sobre el fenómeno asociativo y propone la realización de investigaciones para conocer la cantidad y diversidad de las asociaciones profesionales en el área de archivos en el mundo actual.

*Palabras clave: archivos; asociaciones profesionales; asociativismo.*

Quem conhece os outros é inteligente,  
quem conhece a si mesmo é iluminado  
Lao Tsé

## PREÂMBULO

Este texto foi preparado, originalmente, para as atas do Congresso de Montebello, organizado pela Association des Archivistes du Québec (AAQ). Naquela ocasião, os organizadores me pediram para fazer a conferência de encerramento, em 7 de junho de 2013, depois publicada na revista *Archives* (v. 44, n. 2, 2012-2013, p. 49-65), da mesma Associação. O artigo fornece informações gerais sobre o movimento associativo, em especial sobre a diversidade, fazendo eco ao tema selecionado pela associação para o congresso. De modo geral, seu conteúdo está diretamente inspirado nos resultados das pesquisas que realizei entre 2006 e 2012 sobre o tema das associações profissionais no mundo.

Minhas constatações assim como certas opiniões e sugestões pessoais foram reunidas na obra intitulada *Asociaciones de archiveros ¿Qué son y para qué sirven?*, que deverá ser publicada na coleção espanhola *Archivos XXI*, ainda em 2014.

Observe-se que levei em consideração neste texto tanto as associações que reúnem gestores de documentos (*records managers*) quanto as associações de arquivistas.

## UM CONVITE À DESCOBERTA E AO QUESTIONAMENTO

Chegado ao fim este Congresso, proponho abordar a questão do mundo associativo na nossa profissão. Esta escolha permite, de um lado, manter a ligação com o tema selecionado pelos organizadores do presente congresso – a diversidade – e, de outro, tratar de um assunto fundamental, mas um pouco negligenciado: as associações profissionais.

Nada se assemelha mais a uma associação de arquivistas do que outra associação do mesmo tipo, me dirão vocês... Certamente, visto de longe, o fenômeno associativo parece quase monolítico.

Mas, quando se observa mais de perto, não é assim. As especificidades, as diferenças mesmo, são numerosas. Sob um verniz de similitude(s), em nível mundial impera a diversidade...

Esta apresentação será dividida em três partes. Num primeiro momento, fornecerei informações gerais e globais sobre o fenômeno associativo, abordando algumas de suas características; depois passarei em revista alguns dos temas que evidenciam a diversidade reinante no mundo associativo; por fim, concluirei com um apelo em favor da pesquisa direcionada para as associações profissionais.

Ao propor esse recorte, não pretendo de modo algum esgotar o assunto. Ele é vasto e mereceria aprofundamento. Espero simplesmente que minha intervenção permita construir uma imagem incompleta porém global do movimento associativo e que, doravante, vocês considerem a sua associação de uma outra perspectiva, tentando situá-la no cenário associativo internacional, e passem a se interessar um pouco mais pelo fenômeno associativo no seu conjunto.

### **BREVE ESTADO DA QUESTÃO**

Quando nos voltamos para o fenômeno associativo, é difícil ter uma ideia geral de seu nascimento, evolução, suas características assim como de sua situação atual. Nosso primeiro reflexo é buscar referências na literatura profissional e consultar os sites na internet a fim de recolher informações. Os resultados são decepcionantes. As associações receberam pouca atenção de nossos profissionais. Afora os livros publicados por ocasião das comemorações de aniversários, os capítulos ou parte de capítulos em algumas obras e os esparsos artigos temáticos voltados para um ou outro aspecto da vida associativa, há muito pouco sobre o tema.<sup>1</sup> Pode-se lamentar que até hoje nenhuma síntese sobre esse assunto tenha sido publicada. As associações são consideradas como uma conquista, como se fizessem parte do cenário arquivístico, de tal maneira que acabam por passar despercebidas. Somos, portanto, ignorantes a respeito desse tema específico.

Se vocês são céticos em relação a essa afirmação, eu os convido a responder um pequeno questionário que lhes permitirá entender meu ponto de vista. Desde há algum tempo, em ocasionais encontros e discussões, adquiri o hábito de formular cinco questões:

- Quais são as dez associações de arquivistas mais antigas do mundo?
- Quais eram as dez associações com maior número de membros em 2012?
- Em quantos países era possível encontrar uma associação de arquivistas profissional em 2012?
- Quais são as associações dotadas de um código de deontologia, de um código de ética ou de um código de conduta?
- Qual é a porcentagem de estudantes de arquivologia entre os membros das associações?

Até hoje não encontrei qualquer colega que tenha conseguido, ainda que parcialmente, ter sucesso nesse teste. As respostas às três primeiras perguntas serão dadas aqui e as das

---

<sup>1</sup> Em Quebec, Louise Gagnon-Arguin (1992a) dedicou uma parte de sua tese à Associação dos Arquivistas de Quebec (AAQ). Os aniversários são ocasiões importantes para se refletir sobre o passado das associações. Ainda em Quebec, destacamos o número especial da revista *Archives*, consagrada ao 40º aniversário da AAQ: *Archives*, v. 39, n. 1, 2007-2008 e, nesse volume, o artigo de Louis Garon (2007-2008). Essa contribuição veio na sequência de um artigo de Louise Gagnon-Arguin (1992b) dedicado ao período precedente. Na França, a Association des Archivistes Français dedicou um número da revista da associação ao seu centenário: *La Gazette des Archives*, n. 195, 2004. Nos Países Baixos, a comemoração do centenário da associação levou também à publicação de um livro, organizado por Paul Brood (1991). Além disso, encontram-se artigos temáticos dispersos nas revistas das associações profissionais.

duas últimas, não as tenho. Assim como diversas outras questões, elas fazem parte das lacunas que seriam conveniente preencher por meio de pesquisas junto às associações. Para além da ironia, este exercício evidencia que se deve fazer um esforço nesse sentido. Obviamente, nos focalizamos em nossa associação, nosso país, nossa instituição. Contudo, é tempo de tratar esse fenômeno de maneira global e comparativa, em escala planetária.

Serão abordadas, a seguir, algumas das características das associações sob a forma de perguntas que nos permitirão traçar, grosso modo, um panorama geral do fenômeno associativo.

#### DESDE QUANDO? AS DEZ ASSOCIAÇÕES MAIS ANTIGAS

O fenômeno associativo remonta ao final do século XIX. Deve-se aos arquivistas holandeses a criação da primeira associação profissional. Em 1891, os arquivistas fundaram a Vereniging van Archivarissen in Nederland (VAN).<sup>2</sup> Muito ativa desde seus primórdios, ela contribuiu para proposições relativas à legislação que resultarão, em 1918, na criação de uma lei sobre arquivos. Ela também publicou, em 1898, o célebre *Manual de arranjo e descrição de arquivos*, também conhecido como *Manual dos holandeses*, de Muller, Feith e Fruin, que servirá como referência para além das fronteiras holandesas.<sup>3</sup>

Onze associações surgiram ainda antes da Segunda Guerra Mundial (dez na Europa e uma na América do Norte).

ANO	ASSOCIAÇÃO	PAÍS
1891	Vereniging van Archivarissen in Nederland	Países Baixos
1904	Association des Archivistes Français	França
1907	Association des Archivistes et Bibliothécaires Belges	Bélgica
1912	Leváltárosok Országos Egyesülete*	Hungria
1917	Arkivforeningen	Dinamarca
1919	Associazione degli Archivisti italiani**	Itália
1921	Vlaamse Vereniging voor Bibliotheek, Archief- en Documentatiewezen	Bélgica
1922	Association des Archivistes Suisses	Suíça
1932	British Records Association	Reino Unido
1934	Society of American Archivists	Estados Unidos

**FIGURA 1** – As dez associações mais antigas do mundo

<sup>2</sup> Ela mudará de nome em 1991 e passará a se chamar Koninklijk Vereniging van Archivarissen in Nederland (KVAN).

<sup>3</sup> Esta obra ainda é citada com frequência na literatura profissional contemporânea (Muller; Feith; Fruin, 2003).

**N.T.:** O manual dos holandeses foi publicado em português pelo Arquivo Nacional, ver: Muller, S.; Feith, J. A.; Fruin, R. *Manual de arranjo e descrição de arquivos*. Tradução de Manoel Adolpho Wanderley. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1960. 145p. (Publicações Técnicas, 25). Há uma segunda edição de 1973, também do Arquivo Nacional.

\* Essa associação, que reunia arquivistas municipais, não sobreviverá à Primeira Guerra Mundial.

\*\* Essa associação encerrará suas atividades em 1921.

Nos anos seguintes ao fim da Segunda Guerra Mundial, várias comunidades profissionais se lançaram nessa aventura. Mas pode-se dizer que o movimento só irá decolar, de fato, no início dos anos 1970. Também não surpreende que a Association des Archivistes du Québec (AAQ) e a Association of Canadian Archivists (ACA) tenham sido fundadas, respectivamente, em 1967 e 1975. A criação dessas duas associações se inscreve nessa fase bastante positiva para o movimento associativo. Ainda hoje a profissão vem se fortalecendo, o que se traduz na criação de estruturas associativas em diversos países.

#### *QUANTAS SÃO AS ASSOCIAÇÕES E QUANTOS SÃO OS ARQUIVISTAS ASSOCIADOS?*

Até pouco tempo teria dito que seria razoável estimar em cerca de oitenta mil o número atual de membros de associações. Após uma conferência que realizei na China, em março de 2013, no âmbito da reunião de secretários-gerais de associações de arquivistas chineses, tive de rever para cima essa estimativa. Ao final da minha intervenção, o secretário-geral da associação nacional chinesa mencionou que havia pelo menos trinta mil membros nas associações daquele país, sem contar os integrantes da associação nacional. Dessa forma, devemos nos aproximar, em todo o mundo, de um total de 110 mil membros.

Esse total é, ao mesmo tempo, muito e pouco. Muito, quando se considera esse número em comparação com o de integrantes de nossa própria associação (seja a AAQ ou outra qualquer) e pouco, se pensarmos em escala mundial. Certas associações profissionais da área médica, por exemplo, contam com dezenas de milhares de membros num único país... Portanto, tudo é relativo. Entre as questões que há muito tempo me preocupam e às quais, infelizmente, ainda não foi possível responder, encontra-se a da proporção dessas 110 mil pessoas em relação ao conjunto de arquivistas no mundo. Em outras palavras, essa porcentagem é ou não elevada? Em nível mundial, fazemos parte de uma categoria profissional que se associa voluntariamente?

Quanto ao número de associações no mundo, não existe um anuário regularmente atualizado que nos permita responder com precisão. De qualquer modo, duas relações elaboradas pela Section of Professional Associations (SPA) do Conselho Internacional de Arquivos (CIA) nos ajudam a ter uma ideia. De acordo com uma pesquisa realizada entre 2003 e 2004, havia mais de 250 associações no mundo. Em uma versão atualizada em 2012, foram listadas 224 associações pela mesma seção do CIA.<sup>4</sup> Mas, a partir das minhas pesquisas e das discussões mantidas durante minha estadia na China, conforme mencionado anteriormente, é preciso aumentar essa estimativa. Algumas associações não aparecem nas duas pesquisas citadas e somente a associação nacional chinesa consta em ambas... Na realidade, devemos estar próximos de 1.300 associações.<sup>5</sup> Seja como for, o número de associações no mundo

---

4 Ver International Council on Archives (ICA) em <<http://www.ica.org/13312/ressources-professionnelles/repertoire-des-associations-professionnelles-dans-le-monde-entier.html>>. Acesso em: 23 fev. 2013.

5 Segundo o secretário-geral M. Fu Hua, haveria mais de mil associações na China se levássemos em conta os níveis nacional, provincial e local. Todavia, ele lamenta o fato de não existir um anuário que relacione com precisão essas associações, trabalho a ser ainda realizado.

não é constante; oscila à medida que associações são criadas ou deixam de existir. Embora se observe certo dinamismo, é inegável que a vida associativa é frágil em numerosos países.

#### *EM QUE PAÍSES EXISTEM ASSOCIAÇÕES?*

Atualmente, as associações estão presentes em 69 países, mas seu número em cada país varia bastante. Na China, estima-se que há mais de mil associações. Nos Estados Unidos, contam-se mais de oitenta associações; na Espanha e no Canadá, mais de dez. Porém, em certos países existe somente uma associação. Excetuando-se o caso chinês, não é surpresa que a maior parte das associações se concentre na Europa e na América do Norte. Lembremo-nos de que, de acordo com o sistema político e a legislação em vigor, em numerosos países, simplesmente não é permitido criar associações. De qualquer modo, podem-se notar grandes progressos nos dois últimos decênios. O fenômeno associativo ganha terreno e pode ser encontrado hoje nos cinco continentes.

#### *QUAIS SÃO AS MAIORES ASSOCIAÇÕES DO MUNDO?*

As associações podem ter um tamanho modesto, contando apenas com algumas dezenas de associados ou, ao contrário, reunir milhares de membros. A ARMA International (Association of Records Managers and Administrators) detém o primeiro lugar, com 11 mil membros. Em seguida vêm as associações nacionais chinesa (Chinese Society of Archivists) e americana (Society of American Archivists) com, respectivamente, sete mil<sup>6</sup> e 6.150 membros (2012). A Records and Information Management Australasia (ex-RMAA) anuncia, em seu site, mais de três mil membros. Depois, temos as associações nacionais alemã, inglesa, polonesa e francesa que têm entre 1.600 e 2.400 membros. No Reino Unido, uma associação que reúne gestores de documentos vem progredindo rapidamente nos últimos anos. Trata-se da Information and Records Management Association (ex-Records Management Society), que já conta com 1.200 associados. Por fim, certas associações regionais americanas divulgam ter mais de mil membros, como a Mid-Atlantic Regional Association, por exemplo. O mesmo se aplica certamente às associações chinesas, seja no âmbito provincial ou local, nas principais cidades do país.

#### *AS ASSOCIAÇÕES COOPERAM ENTRE SI EM NÍVEL INTERNACIONAL?*

As associações participam do movimento internacional e do Conselho Internacional de Arquivos (CIA) desde o surgimento desta organização. Por ocasião do primeiro congresso, realizado em Paris, em 1950, nove associações passaram a integrar o CIA. Entretanto, foi preciso esperar o Congresso de Washington, em 1976, para que se criasse uma seção que reunisse as associações – a Section of Professional Associations (SPA). Essa seção iniciou de maneira modesta, com 17 membros. Hoje, mais de setenta associações estão reunidas sob a sua bandeira. O presidente do SPA é membro do comitê executivo do CIA desde 1990

---

<sup>6</sup> Essa associação teria ultrapassado oito mil membros em 2013.

e atua como porta-voz das opiniões, ideias e iniciativas das associações profissionais. A SPA adquiriu um peso significativo no movimento internacional. Devemos a ela, nesses últimos anos, entre outras iniciativas, importantes realizações que beneficiaram todos os profissionais da área, como o Código de Ética; a Declaração Universal sobre os Arquivos – de acordo com a iniciativa da AAQ –, texto aprovado em novembro de 2011 pela Unesco; a criação do “Dia Internacional dos Arquivos” (celebrado em 9 de junho); a organização das conferências europeias de arquivos; um relatório sobre as competências, a certificação e a acreditação; a iniciativa “Arquivos solidários”; e uma coletânea de diretrizes destinada às associações e compreendendo numerosas informações úteis para sua administração.<sup>7</sup>

Como se pode ver, embora às vezes, na agitação do nosso cotidiano, a SPA – assim como o CIA – nos pareça distante de nossas preocupações, na realidade não é bem assim. A colaboração internacional entre associados é bastante dinâmica e produz resultados quando as associações se mobilizam e concordam, como faz há muitos anos a AAQ, apoiando a participação de seus representantes. No meu entender, existe ainda um grande potencial para a SPA e para a cooperação internacional entre as associações.

#### **A DIVERSIDADE NO MUNDO ASSOCIATIVO: ALGUNS EXEMPLOS**

Ainda que as associações de arquivistas apresentem semelhanças, em razão da natureza de suas atividades e de seus objetivos, elas não são todas iguais. Longe disso. Forçado a me deter num número reduzido de pontos, proponho uma seleção totalmente arbitrária de temas que nos permitirão abordar a questão da diversidade.

##### *AS ORIGENS DAS ASSOCIAÇÕES DE ARQUIVISTAS E SEUS VÍNCULOS COM OUTRAS ASSOCIAÇÕES PROFISSIONAIS*

Lamento que ainda hoje não exista um estudo comparativo sobre as origens das associações. Dada a amplitude da pesquisa, um projeto desse tipo certamente demandaria a mobilização das associações e um diálogo internacional, mas o esforço valeria a pena. Na verdade, o surgimento de cada associação é fruto de um percurso particular, relacionado a pessoas-chave, a um contexto e a circunstâncias específicas. Os arquivistas não seguiram um caminho único para atingir seus fins. Se levamos em consideração somente as primeiras associações, pode-se dizer que, internacionalmente, três modelos se destacam: a) as associações que desde o início reúnem somente arquivistas; b) as associações criadas por arquivistas membros das associações de historiadores e que deixaram essas associações com o intuito de se distinguir; c) as associações que, por ocasião de sua criação, agrupam, na mesma estrutura, arquivistas, bibliotecários, documentalistas, às vezes museólogos ou conservadores de museus, arqueólogos, mesmo historiadores, ou uma combinação dessas últimas profissões.

---

<sup>7</sup> Podem-se encontrar informações e grande parte das realizações da SPA consultando em: <<http://www.ica.org/732/au-sujet-de-la-section-des-associations-professionnelles-spa/au-sujet-de-spa.html>>. Acesso em: 23 fev. 2013.

Certamente seria interessante compreender as razões que levaram os arquivistas a privilegiar um caminho em detrimento de outro. Ampliando-se essa investigação e realizando-se pesquisas sistemáticas, talvez pudessem ser encontrados ainda outros modelos, além dos descritos.

Poderíamos também nos indagar sobre as relações, ao longo do tempo, entre as associações de arquivistas e as associações de bibliotecários, de documentalistas, de historiadores e de gestores de documentos. Existem movimentos de aproximação que às vezes levam a fusões. Inversamente, associações que reuniam diferentes profissões por vezes implodem. Quais são os argumentos utilizados e as reflexões desenvolvidas nessas diferentes situações?

Portanto, olhando com atenção, nota-se que existe uma diversidade no surgimento e nas escolhas feitas pelas associações. Ao longo dos anos, entre independência e aliança, inclusive fusão, o movimento e a dinâmica são bem mais marcados do que de início se poderia imaginar.

#### **OBJETIVOS E METAS**

É fascinante analisar os objetivos e metas declarados por cada associação. À primeira vista, também nesse caso, se poderia pensar que esses objetivos e metas são em número limitado e repetitivos. Em parte isso é verdade.

<p>1.4.1 Reunir as pessoas físicas ou jurídicas que aderirem aos valores fundamentais da dita Associação e que oferecerem a seus clientes serviços ligados à gestão da informação orgânica e consignada relacionada a alguma fase do seu ciclo de vida.</p> <p>1.4.2 Oferecer a seus membros serviços em francês adequados para assegurar o desenvolvimento, o enriquecimento e a promoção de sua profissão e de sua especialidade.</p>
---

**FIGURA 2.** Extrato dos estatutos da Association des Archivistes du Québec, 2004

Na maioria dos casos, os objetivos e metas são apresentados nos primeiros artigos dos estatutos de cada associação. É verdade que, se comparados, em linhas gerais eles são coincidentes. Mas, quando se observa nos detalhes, constata-se uma grande diversidade na ordem das prioridades e na maneira de apresentá-las. Consultei cerca de quarenta estatutos provenientes de associações dispersas pelo mundo. Nessa amostragem, encontrei cerca de cinquenta objetivos e metas diferentes, que podem ser agrupados nos seguintes grandes temas:

- A sensibilização das autoridades, da administração e do público;
- O reconhecimento da profissão junto às entidades públicas e privadas;
- A promoção do uso e da preservação dos arquivos;
- A definição da identidade da profissão;
- A participação na elaboração de leis e regulamentos, a assistência e o apoio ao governo;



- A defesa da profissão e dos interesses profissionais;
- A promoção e o *lobbying*;
- O desenvolvimento da ética profissional e a denúncia de abusos;
- O estudo da arquivologia, a preparação de pesquisas científicas;
- A disseminação de informação e de publicações destinadas aos profissionais;
- A definição de normas técnicas, de procedimentos e de práticas profissionais;
- O progresso do nível técnico dos associados;
- A formação básica e contínua;
- A validação dos conteúdos de formação e do nível dos profissionais;
- A realização regular de congressos, jornadas, seminários e eventos;
- O estímulo à criação de novas instituições e a revitalização das que o necessitarem;
- A colaboração e as parcerias de âmbito nacional e internacional, na própria profissão, com outros profissionais e com as instituições especializadas;
- A defesa do direito à informação;
- A harmonia e o entendimento entre os associados;

Quem poderia imaginar uma tal diversidade?

#### **UMA TIPOLOGIA ABUNDANTE**

As associações profissionais podem ser divididas em cinco grupos: nacionais, regionais, locais, temáticas e internacionais.

Cronologicamente, as nacionais foram as primeiras a se desenvolver. Cabe observar que, em alguns países, em razão de circunstâncias históricas ou de especificidades profissionais, há diversas associações nacionais.

Note-se que, certamente para responder a necessidades consideradas específicas, as associações locais e temáticas se multiplicaram nas últimas três décadas. Elas exercem um papel de destaque na mobilização de comunidades profissionais em nível municipal ou em torno de temas específicos, como, por exemplo, arquivos empresariais, eclesiásticos, universitários, sindicais, da vida privada, de mulheres ou de energia nuclear.

Em nível internacional, o movimento se afirma da mesma maneira. Reagrupamentos são feitos ao longo do tempo, e repousam sobre as mais diversas bases (tipo de atividade, de suportes documentais, idiomas). Esses reagrupamentos tomaram a forma de associações e, às vezes, de verdadeiras federações. Além do CIA, podem-se mencionar alguns, como a Fiaf (Fédération Internationale des Archives du Film), a Iasa (International Association of Sound and Audiovisual Archives), a Fiat (Fédération Internationale des Archives de Télévision), a Acarm (Association of Commonwealth Archivists and Records Managers) e a Aiap (Association internationale des archives francophones).

Pode-se perguntar se os esforços para coordenar as ações entre associações irão se multiplicar no futuro. Certos temas e preocupações são, com efeito, amplamente compartilhados por numerosos especialistas no mundo. As ações comuns teriam, com certeza, um impacto mais forte que iniciativas isoladas.

#### *O CONTEXTO LEGAL*

As associações não escapam do enquadramento legislativo e regulamentar fixado pelos governos. Esse quadro tem uma grande influência sobre suas vidas. Em escala mundial, a diversidade é muito grande nessa área. Convém lembrar aqui o laço muito forte que uniu democracia e associações. Em alguns países, as associações são simplesmente proibidas.

São poucos os países que não exigem algum tipo de formalidade particular para constituição de uma associação. O direito de criar uma associação é bem ancorado nos textos legais e na tradição: é um ato simples e rápido. Tenham ou não um fim lucrativo, as associações são, na maior parte dos países, objeto de regras precisas que tratam de seu estabelecimento, de sua organização e das obrigações que devem cumprir com relação ao seu funcionamento. Em alguns países, as autoridades vão ainda mais longe e exigem que elas forneçam, regularmente, documentos relacionados a suas atividades, às pessoas que as dirigem, bem como ao estado de suas finanças. Como se vê, as gradações são grandes: o grau de controle e de constrangimento exercido pelas autoridades difere fortemente segundo a legislação e as tradições sociopolíticas. Dessa forma, o contexto legal, que às vezes perdemos de vista, habituados que estamos ao nosso próprio, é primordial para as associações.

#### *UM CÓDIGO, VÁRIOS CÓDIGOS...*

Desde 1996, a profissão dispõe, em nível internacional, de um código de ética promulgado pelo CIA. Esse código foi assumido por algumas associações. Outras, que já possuíam um código de deontologia antes dessa data, preferiram mantê-lo e atualizá-lo ao longo do tempo. Ressalte-se, entretanto, que as associações preferiram criar um código de conduta ou código profissional a criar um código de deontologia. Existem diferenças e práticas diversificadas. É difícil nessa área ter uma visão precisa da situação. Não existe nenhum documento que liste para cada associação os textos de referência a respeito dessa questão, trabalho que ainda está para ser realizado. Ele me parece essencial, dado o lugar que deve ser ocupado pela deontologia e pelos instrumentos que permitem aos profissionais desempenhar sua missão respeitando seus deveres e protegendo seus direitos.

#### *AS CATEGORIAS E O PERFIL DOS MEMBROS*

A definição das categorias dos membros nas associações varia muito mais do que se poderia pensar à primeira vista. Algumas associações definem com rigor quem pode pertencer a elas, reservando essa possibilidade aos profissionais – ainda que seja necessário chegar-se a um consenso, em nível internacional, sobre quem pode ou não ser assim considerado. Outras se mostram menos rigorosas a esse respeito.

É surpreendente constatar quanto temos de nos esforçar para fazer uma ideia, em nível internacional, da composição dos membros das associações e de suas características. Por exemplo, as associações têm mais integrantes do sexo masculino ou feminino? A maioria trabalha na administração pública ou no setor privado? (Com certeza sim, mas em que pro-

porção?) Qual a parcela de estudantes? São eles facilmente aceitos em todas as associações? Qual é a distribuição dos associados por faixa etária? As respostas a essas questões mostrariam certamente que, nessa área, reina uma grande diversidade. Saudemos os esforços empreendidos por algumas associações para dar a imagem mais completa possível de seus membros. É verdade que se podem utilizar os relatórios anuais que abordam, naturalmente, essa questão, mas no caso norte-americano, por exemplo, esse assunto deu origem a um estudo elucidativo cuja leitura recomendo – o *Census* publicado pela Society of American Archivists (SAA), em 2006.<sup>8</sup> Espero que outras associações sigam esse exemplo e que alguém se dedique, de maneira geral, a esse assunto.

#### *A SITUAÇÃO FINANCEIRA E OS RECURSOS DISPONÍVEIS*

As finanças das associações são mais ou menos prósperas. É verdade que as associações que encontram dificuldades nessa área são mais numerosas do que aquelas bem-sucedidas. Os próprios orçamentos das associações são reveladores. Transformados em dólares canadenses, em termos anuais, podem variar de algumas centenas a vários milhões.

As finanças constituem um assunto de debate regular entre os membros das associações. A equação que coloca na mesma linha os recursos financeiros disponíveis e as necessidades, expectativas e desejos é muito difícil de ser resolvida. Escolhas devem ser feitas, mas existem muitas diferenças sobre esse assunto.

Nota-se uma grande dependência dos membros da profissão em relação à situação econômica. Pagar uma cota anual não é tão fácil quando os salários dos profissionais são baixos. Isso às vezes os impede de se unir a uma associação ou dela participar regularmente, ano após ano. Observa-se, então, certa fragilidade do fenômenos associativos.

As associações não permanecem de braços cruzados. As estratégias implementadas para estimular as finanças podem ser bem diferentes. Em alguns países, as autoridades públicas sustentam as associações; em outros, isso não ocorre, ou, simplesmente, não é bem visto pelos membros das associações, que temem perder sua independência. As associações saem em busca de patrocinadores, ou mesmo de mecenas, para ações específicas. Outras se lançam à venda de produtos como roupas, xícaras, ou à venda de espaços publicitários em suas revistas etc. Os congressos representam uma boa fonte de recursos para as associações que podem organizar esses eventos. As possibilidades são variadas, e as associações comprovam assim sua criatividade.

É evidente que o raio de ação de cada associação depende muito de sua capacidade financeira. Controlar as despesas nem sempre é suficiente. É importante que a receita siga aumentando e permita à associação desenvolver e prestar novos serviços.

#### *OS RECURSOS HUMANOS*

Um dos principais desafios das associações é assegurar aos associados um serviço de qualidade ao longo do ano, quaisquer que sejam as circunstâncias. Para se atingir esse ob-

---

<sup>8</sup> *American Archivist*, v. 69, n. 2, Fall/Winter 2006.

jetivo, os recursos humanos são fundamentais. As associações oscilam entre o trabalho voluntário e o remunerado.

Atualmente, as associações que desejam contar com pessoal remunerado são cada vez mais numerosas. Os funcionários participam do bom funcionamento e do desenvolvimento da vida associativa. Entretanto, poucas associações dispõem dos recursos financeiros necessários para contratar pessoal fixo e propor a seus membros a instauração de um secretariado permanente. Quando uma associação assume esse caminho, ela deve poder dispor de recursos financeiros suficientes para vários anos. A Australian Society of Archivists (ASA) sofreu na pele esse problema – quase desapareceu em consequência de obrigações impossíveis de cumprir. Ao tornar-se empregadora, cada associação deve também conformar-se à legislação e às obrigações vigentes em relação à pessoal. Trata-se, às vezes, de um novo elemento a ser considerado e de uma nova responsabilidade em suas atividades. O número de empregados permanece em geral bastante reduzido (de um a três). De qualquer maneira, as maiores associações em nível internacional podem dispor de, no máximo, trinta empregados remunerados.

As associações ainda se apoiam essencialmente no voluntariado. Elas podem contar com o engajamento de pessoas que realizam um trabalho muito relevante. Contudo, é necessário reconhecer que a vida contemporânea dificulta o voluntariado em geral, já que sofre a concorrência do engajamento profissional, da vida familiar e do lazer. No entanto, o trabalho voluntário é, sem dúvida, a base sobre a qual se assenta a vida associativa. Sem ele, em resumo, não há associação.

#### *A FORMAÇÃO – O PAPEL DAS ASSOCIAÇÕES*

Embora a formação profissional seja um dos objetivos primordiais das associações, a diversidade de situações encontradas é tal, que o quadro a ser descrito é marcado pelo contraste. Quanto a essa questão, o papel das associações difere de um país para outro.

Em alguns casos, a formação ocorre nas universidades, enquanto em outros será em escolas especializadas. Existem também situações mistas. Em muitos países, as instituições arquivísticas e as associações se encarregam diretamente da formação dos profissionais.

Certas associações se ocupam da formação destinada aos iniciantes; outras asseguram formação contínua a arquivistas que já estão desempenhando suas funções. Finalmente, há associações que acumulam os dois papéis.

Em alguns países, elas não se limitam a contribuir para a formação dos profissionais, encarregando-se também da certificação de seus associados por meio de processos mais ou menos complexos, até mesmo da acreditação de instituições de ensino e dos programas que elas oferecem.

A diversidade também é marcante no que concerne à gama de recursos utilizados para formar os arquivistas, e que têm sido consideravelmente ampliados ao longo do tempo. Centros de formação, estágios, cursos on-line, formação à distância, estágios no estrangeiro, treinamento individual completam a oferta inicial. A própria formação tem evoluído. As associações devem se atualizar e recorrer, na medida do possível, a tecnologias que, como

a internet, surgiram recentemente. Seus conhecimentos e suas tradições são muitas vezes colocados em xeque. No entanto, novas oportunidades se abrem para elas.

Observe-se, para concluir, que a colaboração entre o mundo profissional e as instituições de formação é cada vez mais frequente. As parcerias entre estabelecimentos de ensino e instituições arquivísticas, em particular, se multiplicaram graças a iniciativas diversas. As associações contribuem, conforme o caso, para essa aproximação.

#### *O RECURSO ÀS TECNOLOGIAS*

Em duas décadas, a evolução tecnológica revolucionou nossos meios de comunicação e a maneira de nos comunicarmos. As redes profissionais foram amplamente beneficiadas por essas transformações. As tecnologias oferecem novas possibilidades que as associações exploram e utilizam, pouco a pouco, em seu favor. O mundo mudou. Além disso, uma associação pode hoje, facilmente, divulgar informação, provocar um debate ou reflexões, e até mesmo mobilizar o conjunto de seus associados em um curto espaço de tempo. Os profissionais interagem, por assim dizer, diretamente. As soluções são numerosas e o sentimento de pertencer a uma comunidade jamais foi tão forte.

Nessa área, porém, também os recursos financeiros e humanos influem sobre a capacidade de cada associação em utilizar as ferramentas e soluções adequadas. As iniciativas se dão segundo agendas e ritmos diferentes. Entretanto, pode-se perceber que a vontade existe e que, de qualquer maneira, o movimento de informatização em nível internacional prossegue.

Além disso, só para dar alguns exemplos, um número cada vez maior de associações nos quatro cantos do planeta dispõem de um site. O correio eletrônico tende também a se tornar o meio de comunicação mais difundido. Entretanto, apesar desses sinais positivos, as diferenças são grandes. Nota-se que algumas associações no Ocidente passaram a utilizar serviços sofisticados, na esteira do que é comumente chamado de web 2.0. Twitter, páginas no Facebook, podcasts, conferências web e blogs – gerais ou relacionados com eventos e ensino à distância – multiplicam-se. A variedade de soluções tende a crescer.

#### *AS ASSOCIAÇÕES DIANTE DOS DESAFIOS FUTUROS*

Como as associações irão se posicionar em relação aos numerosos desafios que deverão enfrentar? Tentei listar elementos que me parecem os mais importantes. Ao final, são mais de cinquenta questões que me parecem merecer uma atenção especial.

Sem entrar aqui em detalhes, pode-se distribuir o conjunto de desafios em cinco categorias principais: associações e sociedade; contribuição das associações à vida profissional; funcionamento das associações; relações entre associações de arquivistas e outras associações profissionais; cooperação internacional entre associações.

Cada uma dessas categorias mereceria ser analisada separadamente. Talvez esse exercício pudesse fazer parte de uma outra conferência ou gerar um artigo específico. Convido os membros da AAQ a refletir sobre essa questão dos desafios futuros e a debatê-la. É importante que as associações estejam em condições de antecipar as mudanças profundas, de

tomar posições e de participar dos debates defendendo suas convicções. Elas devem evitar seguir e simplesmente sofrer as evoluções e as mudanças.

Diante do futuro, a diversidade é um fator importante. De acordo com o contexto, as maneiras de ver, a situação geral da profissão, as expectativas e as aspirações dos associados, dos governos e da sociedade civil, as opções assumidas podem ser diferentes.

## **AS ASSOCIAÇÕES COMO TEMA DE ESTUDOS**

Em face da evocação da diversidade no interior de nossa profissão e, em especial, nas associações profissionais, é surpreendente constatar quão pouco, ao final, se sabe sobre esse tema. Certamente, desenvolvemos alguma familiaridade com a associação ou, até mesmo, as associações à qual ou às quais pertencemos. Mas, em caráter mais global, as perguntas são mais numerosas do que as respostas. Esta constatação repousa no fato de que as associações não constituem um objeto de estudo.<sup>9</sup> A bibliografia consagrada ao tema é pequena; e a literatura comparativa e transversal, praticamente inexistente.<sup>10</sup> Esse dado lamentável me leva a concluir que é necessário um esforço coletivo para mudar a situação e fazer das associações profissionais um verdadeiro tema de estudo.

### **ÚTIL, NECESSÁRIO, INDISPENSÁVEL?**

Por que é importante saber mais sobre essa questão? É de fato útil? Deve-se consagrar a isso tempo e energia? Vejo seis razões principais para fazê-lo:

- em primeiro lugar, temos todo o interesse como profissionais em completar nossos conhecimentos em relação à nossa profissão, sua trajetória, seus atores e suas particularidades; trata-se, antes de tudo, de uma questão de cultura geral profissional. Um profissional deve ter uma cultura que trate sua profissão de maneira ampla, situando-a no tempo, no conjunto dos temas e no espaço. Parece-me fundamental saber quem somos, de onde viemos, as similitudes que existem na profissão, bem como a diversidade que nela reina;
- em seguida, convém compreender a profissão de uma maneira mais contextualizada e global do que fizemos até aqui. Contentamo-nos, em geral, com um saber e com informações que giram em torno de nossa situação pessoal e daquela da associação ou associações das quais participamos. O mesmo ocorre com nossa bagagem arquivística,

---

9 Esta matéria foi objeto de minha intervenção durante o *Forum des archivistes français*, organizado pela Association des archivistes français (AAF), em Angers, em março de 2013. Na ocasião, expus minha posição numa apresentação com o título “Les associations professionnelles: un sujet d’étude négligé” (“As associações profissionais: um objeto de estudo negligenciado”).

10 Assinalo algumas tentativas: Caya (1986); Cleyet-Michaud (1990 e 1993); Conseil International des Archives (1989) – esse número foi dedicado às associações profissionais e inclui diversos artigos sobre o tema; Grange (2006a e 2006b) e Hall (1996).

a qual normalmente se limita a uma única tradição nacional, aos princípios enunciados e sustentados em nosso país. Isso é insuficiente;

- por outro lado, como vimos, o mundo associativo, por si só, representa, de fato, um fenômeno maior em nossa profissão. Ele não é um tema marginal. Esse fenômeno tem sido negligenciado até agora e não ocupa o lugar que deveria;
- podemos realmente aprender com os outros, ou seja, nos inspirar com as experiências e realizações dos nossos colegas de outras associações e de outros países. Essa curiosidade pode nos levar a rever nossas práticas e fazê-las evoluir;
- podemos também fortalecer nossa disciplina, criando um movimento, sinergias, colaborações, realizando projetos de pesquisa, seja no mundo associativo ou fora dele. Os efeitos desses projetos podem ser positivos, aumentando a coesão e a noção de pertencimento à profissão;
- por fim, a pesquisa em nossa disciplina é ainda (muito) incipiente; poucas pessoas se dedicam a essa atividade. Os arquivistas teriam todo interesse em multiplicar os campos e os projetos de pesquisa, uma vez que isso concorre também para a credibilidade da disciplina e para o seu futuro, em especial na esfera universitária.

Além disso, em vista do que foi dito, seria necessário incentivar os profissionais – membros ou não de associações –, as próprias associações e as universidades, a se mobilizar e a publicar monografias, artigos e estudos. Como se demonstrou rapidamente, não faltam temas de pesquisa. Mais do que isso, trata-se de terreno pouco explorado. Essas pesquisas poderiam ser feitas em nível local, nacional, regional ou internacional. Uma abordagem transversal, transdisciplinar e internacional deveria, na minha opinião, ser privilegiada. Comparações entre duas, três ou mais associações seriam bem-vindas.

#### *POR UM OBSERVATÓRIO INTERNACIONAL DE ASSOCIAÇÕES*

Para levar essa reflexão mais adiante, certamente se poderia considerar a criação de um observatório internacional permanente de associações. Sem entrar aqui nos detalhes relativos à organização e aos recursos necessários para estabelecê-lo, concentremo-nos no que ele poderia fazer: publicar um balanço anual do mundo associativo, fornecendo informações quantitativas e qualitativas; divulgar regularmente um boletim de informação; publicar uma bibliografia relativa aos estudos realizados sobre associações; preparar recomendações ou diretrizes sobre o funcionamento e outros temas relacionados a associações; monitorar com atenção uma série de questões relativas às associações; realizar levantamentos e estudos temáticos comparativos; constituir uma plataforma de trocas, debates e conhecimento a respeito de temas que interessem ao conjunto das associações.

O âmbito das atividades desse observatório deveria ser definido de maneira que ele se revelasse útil para a comunidade profissional sem concorrer com as demais estruturas já existentes. Ele deveria complementar o que já existe e atuar nas redes e nas sinergias. Por diferentes razões (sua missão, composição, experiência, presença internacional, natureza das atividades e a rede de que dispõe), a SPA é certamente a entidade mais qualificada

para propor e assumir tal iniciativa. Mas ela o deseja? Ainda não abordei essa questão com seus representantes. Se a SPA não estiver interessada ou não tiver os recursos para isso, uma universidade poderia se lançar nesse projeto. Talvez uma associação, ou até mesmo um grupo de associações, sem que para isso se exclua a participação de um conjunto de profissionais dispostos a enfrentar o desafio.

Não me parece que a criação desse observatório seja pura utopia. Tal projeto poderia suscitar o interesse da comunidade profissional; as redes internacionais estão em pleno funcionamento; muitas pessoas dedicam seu tempo a acompanhar e compartilhar informação por meio da internet, por exemplo. Essa sugestão deve ser retomada e discutida em um contexto diferente daquele da conferência de encerramento.<sup>11</sup> Vou me dedicar a elaborar, futuramente, uma versão preliminar do projeto.

### **À GUIA DE CONCLUSÃO: UM CONVITE À CURIOSIDADE**

Normalização internacional, intercâmbios realizados no âmbito de diferentes estruturas associativas profissionais internacionais, como o Conselho Internacional de Arquivos (CIA), tentativas de desenvolver currículos, até mesmo listas de competências que ultrapassem as fronteiras nacionais, projetos internacionais bilaterais, multilaterais, a recente Declaração Universal sobre os Arquivos adotada pela Unesco... Os sinais de aproximação e de homogeneização – mais do que de uniformização – estão em marcha na nossa profissão. Apesar disso, a diversidade é ainda muito presente e tem seu lugar. Ela simplesmente reflete as grandes diferenças que existem para além da profissão e de seu exercício; as diferenças de contexto, de recursos, da importância dada aos arquivos, aos arquivistas e às associações nos quatro cantos do planeta, e as diferentes prioridades definidas por uns e por outros.

Essa diversidade representa um problema, um perigo, ou uma oportunidade e um aspecto positivo para nossa profissão? Cabe a cada um responder a essa pergunta. Do meu ponto de vista, ela é apenas um dado, que tem valor em muitos aspectos da atividade profissional e humana no mundo contemporâneo, onde globalização e diferenças caminham juntas e se tornaram quase inseparáveis. É fundamental que todos tenham consciência e deem mais importância ao mundo associativo em geral, às *nuances* e diferenças na profissão, aos seus pontos fortes e fracos.

Por fim, se pudesse dar um conselho aos membros das associações e, de modo geral, a meus companheiros, seria o de que abandonem os abrigos e zonas de conforto que, por vezes, nos limitam. Convém dar mais importância à associação a qual pertencemos, contribuir para a sua vida e seu desenvolvimento. Mas convém igualmente reconhecer a importância das demais organizações, para além das nossas fronteiras, das teorias desenvolvidas em outras terras e dos profissionais que se encontram em outras partes do mundo. Esses confron-

---

<sup>11</sup> Após minhas intervenções na França e na China, noto com satisfação que vários integrantes dessas duas comunidades profissionais estão dispostos a dar seu apoio a esse projeto.



tos são ocasiões benéficas para comparar, interrogar-se, relativizar e questionar. Trata-se, em suma, de se fazer um esforço, de sermos receptivos e curiosos para com o outro – atitude necessária para que possamos evoluir como profissionais e como seres humanos.

Agradeço a Jacques Davier pela leitura do texto e sugestões. As propostas aqui apresentadas são somente de minha responsabilidade.

TRADUÇÃO DE ALBA GISELE GOUGET E VITOR MANOEL MARQUES DA FONSECA

### Referências bibliográficas

BROOD, Paul (ed.). *Respect voor de oude orde: Honderdjaar Vereniging van Archivarissen in Nederland*. Hilversum, 1991.

CAYA, Marcel. Le rôle des associations professionnelles au niveau international. *Archives*, revue de l'Association des Archivistes du Québec, v. 17, n. 4, p. 3-10, 1986.

CLEYET-MICHAUD, Rosine. Les associations d'archivistes de l'Europe des douze: synthèse d'une enquête de l'Association des Archivistes français. *La Gazette des Archives*, Paris, v. 149, p. 138-143, 1990.

\_\_\_\_\_. Les associations d'archivistes dans le monde. *Janus*, Conseil International des Archives, n. 1, p. 130-134, 1993.

CONSEIL INTERNATIONAL DES ARCHIVES. *Janus*, n. 1, 1989.

GAGNON-ARGUIN, Louise. *L'archivistique, son histoire, ses acteurs depuis 1960*. Sainte-Foy: Presses de l'Université de Québec, 1992a.

\_\_\_\_\_. L'Association des archivistes du Québec: vingt-cinq ans d'histoire. *Archives*, v. 24, n. 1-2, p. 9-46, été-automne 1992b.

GARON, Louis. L'Association des archivistes du Québec: du Congrès de 1988 à 2006. *Archives*, v. 39, n. 1, p. 32-48, 2007-2008.

GRANGE, Didier. Associations professionnelles et formation: un défi perpétuel. In: VANDERVOORDE, Evelyne (ed.). *La formation des archivistes: pour relever les défis de la société de l'information* (Actes de la Cinquième Journée des Archives de l'Université Catholique de Louvain). Louvain-la-Neuve: Bruylant-Academia, 2006a. p. 61-75.

\_\_\_\_\_. Las asociaciones archivísticas: panorama de un mundo en movimiento. In: CONGRESO DE ARCHIVOS DE CANARIAS, 19-21 oct. 2006, La Oliva, Fuerteventura. *El Archivo: un servicio público?* Las Palmas: Anroart Ediciones, 2006b, p. 627-661.

HALL, Ken. The role of professional associations in archival development. *Janus*, Conseil International des Archives, n. 1, p. 110-113, 1996.

MULLER, S.; FEITH, J. A.; FRUIN, R. *Manual for the Arrangement and Description of Archives*. Chicago: Society of American Archivists, 2003 (réimpression de la traduction réalisée par A. H. Leavitt).

Recebido em 21/5/2014

Aprovado em 1/9/2014